

## O ANTISSEMITISMO NO DISCURSO INTEGRALISTA NO SERTÃO DE SÃO PAULO: OS DISCÍPULOS DE BARROSO

*“Eu grito, clamo, choro e desespero!  
Ninguém me atende.  
O mundo é surdo à voz  
Do meu destino negro, eterno, atroz  
Acérrimo, titânico e severo!  
Eu sou o Ahasvero, o tal lendário Ahasvero,  
Esse judeu extremamente algoz...  
Esse judeu errante mais feroz,  
Mais bruto, mais sanhudo, que Cerbero!  
Eu sou o Ahasvero o monstro humano e velho  
Das citações divinas do EVANGELHO...  
Eu sou o Ahasvero, o ser excomungado!  
Eu sou o Ahasvero horrendo, vil, maldito,  
O ser de atrocidades infinito  
Que fez NOSSO SENHOR tão desgraçado!...”  
 (“Ahasvero” – Benedicto Franco – jornal “Cidade de Olympia” – 08/06/30)*

A principal discussão em torno da Ação Integralista Brasileira sempre foi sua relação ideológica com o fascismo italiano. Plínio Salgado, afirmam os integralistas, nunca admitiu a influência fascista no movimento que considerava autóctone. No entanto, integralistas que publicaram na década de 1930 seus artigos no principal jornal de Olympia, no interior de São Paulo, o “Cidade de Olympia”, fizeram desse parentesco ideológico uma de suas principais motivações de adesão à A.I.B. e, ao mesmo tempo, uma arma de propaganda no então sertão de São Paulo. Mas uma outra motivação foi capital para arrebatá-los: o antissemitismo.

A existência de uma corrente racista dentro da Ação Integralista Brasileira é outra importante discussão acerca do movimento liderado por Plínio Salgado, pois o antissemitismo foi abertamente inserido e defendido nos discursos de alguns dos principais integralistas, como Tenório D’Albuquerque, Madeira de

---

\* Ahasvero ou Ahasverus, figura de judeu lendário. Exigia, aos gritos, a condenação de Cristo. Na caminhada para a crucificação, Cristo quis usar a porta da casa de Ahasvero para descansar, no que foi impedido pelo mesmo. Respondeu-lhe Cristo: “Eu vou descansar parado, mas tu vais caminhar eternamente...”

Freitas, Ulyses Paranhos, em especial Gustavo Barroso e da maioria dos camisas-verdes que viveram neste naco do sertão chamado Olympia e que revelaram suas facetas racista escrevendo artigos para o jornal “Cidade de Olympia”. O semanário como uma espécie de porta-voz não oficial do núcleo municipal da Ação Integralista Brasileira, inseriu inúmeros artigos antissemitas de autoria de integralistas entre 1933 e 1937.

Todavia, os documentos oficiais da Ação Integralista Brasileira não fazem referências ao antissemitismo. No Artigo 4º (O Nosso Nacionalismo) do Manifesto de Outubro de 1932, nota-se que a A.I.B. procurava exprimir somente sua crítica à burguesia brasileira por deixar-se influenciar pelos costumes estrangeiros:

*O cosmopolitismo, isto é, a influência estrangeira, é um mal de morte para o nosso nacionalismo. Combatê-lo é o nosso dever. E isso não quer dizer má vontade para com as Nações amigas, para com os filhos de outros países, que aqui também trabalham objetivando o engrandecimento da Nação Brasileira e cujos descendentes estão integrados em nossa própria vida de povo. Referimo-nos aos costumes, que estão enraizados, principalmente em nossa burguesia, embevecida por essa civilização que está periclitando na Europa e nos Estados Unidos.<sup>1</sup>*

O Integralismo foi buscar no livro de Alberto Torres, *O Problema Nacional Brasileiro*, uma justificativa para uma conduta contrária ao racismo. Nele, Alberto Torres afirmava: “No Brasil muitos intelectuais aceitavam as idéias racistas dos povos que nos queriam dominar, sob pretexto de nossa inferioridade racial”.<sup>2</sup> A Ação Integralista julgava grotesco o racismo num país que era o resultado de um

---

<sup>1</sup> *Manifesto de Outubro de 1932*. P. 6 – São Paulo. Editora Voz do Oeste, 1982.

<sup>2</sup> TORRES, Alberto. In. LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *O Integralismo – Síntese do Pensamento Político Doutrinário de Plínio Salgado*. P. 39 - São Paulo. Editora Voz do Oeste, 1981.

<sup>2</sup> Idem.

conjunto de raças e sendo o integralismo cristão, não poderia aceita-lo, já que Cristo pregou a confraternização de todos os povos e raças.<sup>3</sup> No entanto, o Sigma admitia que alguns integralistas poderiam ter sido atraídos pelo racismo, mas estariam fora da doutrina, agindo por conta própria, como aconteceria também em outras correntes políticas. O maior expoente desse grupo racista foi o chefe das milícias Gustavo Barroso, que conquistou a companhia de camisas-verdes olimpienses. Na maioria dos artigos integralistas publicados no semanário encontram-se referências ao antissemitismo, como se os judeus fossem um espectro que ameaçava a nação e o cristianismo.

Afirmar que o integralismo foi um movimento amplamente antissemita seria, no mínimo, leviano, pois essa faceta ainda depende de mais estudos aprofundados. Porém, é indiscutível a existência de uma forte corrente racista dentro do movimento influenciada por Gustavo Barroso. Hélgio Trindade, autor de uma das mais importantes obras sobre o Integralismo, concorda com esse argumento:

*“O antissemitismo não era consensual, mas afirmado claramente por Gustavo Barroso e por seus seguidores. Plínio é menos explícito. O fascismo italiano também não tinha no antissemitismo seu traço mais importante. Tenho provas nas minhas entrevistas de que muitos foram antissemitas.”<sup>4</sup>*

### **O Antissemitismo como arma do totalitarismo**

Mas, enfim, porque o mundo cristão e islâmico odiou tanto os judeus ao longo da História, criando imaginários e desenvolvendo ações que serviram para justificar golpes, massacres, ascensão de ideologias de extrema direita, disseminação de propaganda político-partidária e regimes de terror? O

---

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Entrevista concedida a este autor, no dia 11 de novembro de 2001.

antissemitismo parece uma doença crônica que desafia o tempo e a razão, que vive ciclos intensos e períodos de arrefecimento, cujo paroxismo foi a década de 1930, especialmente após a ascensão do nazismo. A propaganda antijudaica se propagou até mesmo pelas cidades do interior do Brasil, como em Olympia onde intelectuais integralistas desencadearam uma campanha antissemita via jornal “Cidade de Olympia”.

Duas formas de antissemitismo, o religioso e o racial, desenvolveram-se ao longo do tempo. Hannah Arendt entende que entre o antissemitismo como ideologia leiga do século XIX e o antissemitismo como ódio religioso aos judeus, há profunda diferença. Até o século XIX, o antissemitismo como ideologia leiga era desconhecida de nome, mas não de conteúdo.<sup>5</sup>

O antissemitismo até antes da década de 1870 podia ser entendido como o antagonismo de duas crenças em conflito. No entanto, pode-se discutir até que ponto esse antagonismo religioso influenciou a versão racial do ódio aos judeus, continua Arendt.<sup>6</sup> Percebe-se nitidamente nos discursos antijudaicos em Olympia uma certa simbiose entre as formas religiosa e racial. Esses discursos sempre concebiam o judaísmo como um perigo ao cristianismo e nocivo aos interesses nacionais.

Segundo a autora de *Origens do Totalitarismo*, enquanto historiógrafos judeus detectavam da história cristã as ocorrências caracterizadas pelo ódio aos judeus, os antissemitas de modo intelectualmente idêntico, faziam o mesmo, atribuindo às autoridades judaicas o início da tradição do antagonismo judaico contra os cristãos.<sup>7</sup> Todavia, o antissemitismo tomou características raciais a partir do instante em que a discriminação transformou-se em argumento político, emergindo

---

<sup>5</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. P. 17.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Idem. P. 18-19.

como a única questão capaz de unir a opinião pública. Arendt esclarece que cada classe social que entrava em conflito com o Estado virava antissemita, porque o único grupo que parecia representar o Estado, identificando-se com ele servilmente, eram os judeus.

O sentimento antijudaico adquire relevância política somente quando pode ser combinado com uma questão política importante, ou quando os interesses grupais dos judeus entram em conflito aberto com os de uma classe dirigente ou aspirante ao poder, conclui Arendt.<sup>8</sup> Pelo menos parte do Integralismo divisava os judeus mancomunados com capitalistas e comunistas num hipotético plano de dominação do mundo e do Brasil: primeiro, transformando o país numa colônia de banqueiros judeus e, depois, instituindo um ensino leigo, desprezando os princípios cristãos do Brasil, o que contrariava os interesses do movimento verde, aspirante ao poder. Assim, no que concernia aos integralistas, antissemitismo religioso e racial caminhavam juntos.

Nos conturbados anos 30, ideologicamente marcados pela disputa entre fascismo e comunismo, o antissemitismo se constituiu num dos alicerces em que se sustentava a extrema direita na Europa e no Brasil. O judaísmo e a raça semita apareciam nos discursos da extrema direita como um inimigo a ser combatido, assim como o capitalismo, o liberalismo e o comunismo. Mesmo porque, a lógica dessa extrema direita era a associar o judaísmo a essas ideologias.

O antissemitismo foi um componente da estratégia de diferentes forças sociais em direção a uma sociedade totalitária. O discurso antissemita, mostrando os judeus como um povo sem pátria, sem alma e sem coração, formado por usurários capazes de acabar com a soberania das nações e destruir o cristianismo, inseria-se

---

<sup>8</sup> Idem. P. 45-49.

num conjunto de imagens que tinha como finalidade contribuir para a construção de um regime totalitário de direita. Era necessário definir os inimigos da pátria, do cristianismo e da família, como meio de cooptar as forças necessárias para estabelecer o totalitarismo. Afinal, os judeus representavam a antítese daquilo que embasava um Estado totalitário: a ordem, a pátria, a autoridade e a obediência.

Em *Minha Luta*, Adolf Hitler afirmava que os maiores conhecedores das possibilidades do emprego da mentira e da calúnia em todos os tempos eram os judeus, pois começaria entre eles, a mentira por tentarem provar ao mundo que a questão judaica é um problema de raça.<sup>9</sup> Hitler via no domínio de parte da imprensa pelos judeus um fator de envenenamento do povo alemão e acusava o governo de covardia diante do perigo.<sup>10</sup> Integralistas antijudaicos que escreviam para o jornal olimpiense pensavam da mesma maneira.

Dentro do imaginário hitlerista, o judeu nunca tinha sido nômade e sim um parasita incorporado ao organismo de outros povos e o fato dele continuar a se espalhar pelo mundo seria um fenômeno próprio a todo parasita. Crente na veracidade dos *Protocolos dos Sábios do Sião*, Hitler denunciava que os judeus dispunham de um plano para dominar a Alemanha e o mundo, o mesmo pensamento nutrido pelos camisas-verdes de Olympia em relação ao Brasil.

Muitas das idéias de Hitler acerca dos judeus, podem ser detectadas nos artigos de integralistas publicados no jornal “Cidade de Olympia”. A aproximação judaica dos operários para angariar sua confiança, o suposto domínio da Maçonaria e o envolvimento dos judeus com o comunismo são alguns exemplos. A ideologia hitlerista contida no livro *Minha Vida* parece ter influenciado o imaginário dos antissemitas em Olympia.

---

<sup>9</sup> HITLER, Adolf. *Minha Luta*. P. 213.

<sup>10</sup> Idem. P. 223.

O antissemitismo tornou-se para a extrema direita um dos pilares formadores de pares antitéticos, do tipo, bem/mal, civilização/barbárie, patriota/traidor, sacrifício/egoísmo, verdade/mentira, união/dissolução e virtude/vício, partindo da teoria de Eliana Dutra. Ainda na linha de pensamento de Dutra, os judeus representavam a idéia do inimigo estrangeiro, do invasor, daquele que pilhava as riquezas da nação e ameaçava a existência da civilização cristã: “*A figura do inimigo é essencial. Ela serve para fornecer ao povo a consciência de sua unidade e, ao poder que conduz o combate, a legitimidade*”.<sup>11</sup>

O inimigo semita era encarado como um vírus, fortalecendo sua imagem de agressor externo, uma doença capaz de corroer as finanças, açambarcar os tesouros nacionais, corromper a imprensa. O judeu era visto como quem contaminava as nações, aquele que inoculava o vírus da maçonaria e do comunismo, com o propósito de desestabilizar os governos e completar seu plano de domínio universal.<sup>12</sup>

Outro imaginário, que teve sua origem na Idade Média, foi a ligação do judaísmo ao demônio, pois os judeus, na concepção antissemita, representavam o anticristo, a encarnação do mal, como tentava mostrar o artigo escrito pelo integralista identificado por Conselheiro Y ao denunciar um suposto plano judaico-maçônico com o fim de destruir a religião católica e implantar um governo ateístico.<sup>13</sup> Para muitos integralistas, o combate ao judaísmo se justificava como forma de preservar a civilização cristã, alvo principal da imaginada conspiração judaica. Os camisas-verdes criaram a imagem da eterna luta do espírito das trevas contra o espírito da luz.

---

<sup>11</sup> DUTRA, Eliana. *O Ardil Totalitário*. P. 42.

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> CONSELHEIRO Y. *Plano Occulto*. Jornal “Cidade de Olympia”, 08 de abril de 1934.

A presença do maligno torna-se mais evidente na medida em que o judaísmo vem associado a dois outros “males” que reforçam o ódio antissemita: a maçonaria e o comunismo. Nota-se comumente em livros e artigos antissemita um cordão umbilical unindo judaísmo, maçonaria e comunismo, que formariam um arcabouço com a pretensão de dominar o mundo e eliminar a civilização cristã.

A luta contra o inimigo semita reforçava as idéias nacionalistas dos anos 30, pois proporcionava um elemento a mais para agregar o povo em torno da defesa dos interesses da nação e, conseqüentemente, atrair adeptos às ideologias nacionalistas de direita, como o nazismo e o integralismo. A existência de um inimigo “quase invisível”, que seria responsável pelas mazelas da economia e da sociedade brasileira, como o endividamento externo do país, foi muito bem explorado pelo nacionalismo de Gustavo Barroso em seu livro *Brasil – Colônia de Banqueiros*. A figura do inimigo estrangeiro nas manifestações nacionalistas servia para excitar a fé patriótica do povo e, ao mesmo tempo, fortalecia o movimento integralista, na medida em que este preconizava-se uma ideologia autóctone, voltada aos interesses nacionais e avessa à influência de doutrinas forasteiras.

Desta forma, o nacionalismo de direita estabelecia os inimigos a serem combatidos: o comunismo, o liberalismo, a maçonaria, o capitalismo e em particular o judaísmo, que estaria por trás dessas ideologias “nefastas” aos interesses da pátria. A eliminação desses inimigos significaria a cura para as várias doenças que prostravam o organismo brasileiro e a única panacéia era a Ação Integralista Brasileira. A concepção da A.I.B. como remédio para os “males” que afetavam o Brasil na década de 30, encontra respaldo no que defendia Gustavo Barroso, que só via a cura na prescrição da Revolução Integralista, a única com o poder de promover as mudanças de pensamento, de instituições e de rumo, repelir o liberalismo, o

comunismo e o judaísmo capitalista e salvar a pátria espiritual e materialmente.<sup>14</sup> Barroso buscava transmitir uma imagem fundamentalista de que para os camisas-verdes lutar até a morte pela salvação do Brasil seria um ato de heroísmo. O discurso “barrosiano” tentava alardear o integralismo como o antibiótico eficaz para curar as infecções causadas pelos invasores externos, como o judaísmo, ou, quem sabe, uma espécie de elixir, aquela confeitão farmacêutica de xaropes com alcoolatos, que teria efeito mágico ou miraculoso. O elixir era um remédio muito usado para o combate a diversas moléstias na década de 30 e com farto anúncio no jornal “Cidade de Olympia” (Tayuya, Grindelia, Nogueira, 914).

### **A Colônia de Banqueiros e os Protocolos dos Sábios de Sião: o embasamento teórico**

Dois instrumentos foram largamente utilizados para alimentar o imaginário e o sentimento antissemita no Brasil: *Brasil – Colônia de Banqueiros* e os *Protocolos dos Sábios de Sião*, ambos de Gustavo Barroso, autor do primeiro e tradutor do segundo. Esses dois livros serviram de inspiração para muitos dos que escreveram artigos com conteúdo racista no jornal “Cidade de Olympia”. No livro *Brasil – Colônia de Banqueiros*, Barroso descreve com detalhes a história dos empréstimos contraídos pelo país de 1824 a 1934 e aproveita para denunciar o suposto envolvimento de judeus num esquema de domínio do Brasil e do mundo, a exemplo do que fez Hitler na Alemanha. Segundo o integralista, o Brasil ficou livre de Portugal em 1822, mas foi transformado em colônia da casa bancária judaica Rotschild, do supercapitalismo internacional, que não teria pátria e como que obedecesse a leis secretas de aniquilamento de todos os povos.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> BARROSO, Gustavo. *Brasil – Colônia de Banqueiros*. P. 194.

<sup>15</sup> Idem. P. 14-15.

Ao mesmo tempo em que desenvolveu um trabalho baseado em números sobre o endividamento brasileiro, Gustavo Barroso aproveitou para lançar um libelo antissemita. Ele procurou mostrar o envolvimento do judaísmo na dívida externa do país, inserindo uma série de trechos de documentos que comprovariam sua tese.

Gustavo Barroso recorreu ao sagrado para justificar sua denúncia contra os judeus, escrevendo que Israel estava cumprindo a risca a promessa das Escrituras: *“Tu devorarás todos os povos que o Senhor teu Deus te entregará”*.<sup>16</sup> E continua utilizando-se da Bíblia para atacar a prática da usura pelos judeus, proibida entre eles, mas autorizada para os estrangeiros, citando Deuteronômio, XV, 1 etc., o Êxodo, XXIII, 20 21 e Gênesis, XXII, 22 23: *“Não fareis mal algum à viúva nem ao órfão. Se vós os ofenderdes eles gritarão por mil e eu ouvirei os seus clamores!”*<sup>17</sup>.

Em outro trecho do livro, Barroso cita o argumento do pensador Schopenhauer para fortalecer seu antissemitismo: *“Os judeus são o povo escolhido de Deus. É possível. Mas, como os gostos diferem, eu não os escolheria... Em nenhum caso, se deviam dar direitos políticos a gente que nunca está em sua pátria, cuja única pátria são os outros judeus do universo...”*.<sup>18</sup> Ao se referir a Schopenhauer, o camisa-verde procurava mostrar que o antissemitismo também era alvo da preocupação de diversos intelectuais, que, segundo ele, não concordariam com as idéias e práticas dos judeus.

*Brasil – Colônia de Banqueiros* constituiu-se nos anos 30 uma espécie de cartilha econômica antissemita e serviu para alimentar o discurso e o imaginário antijudaico contidos nos escritos de integralistas e publicados pelo jornal de Olympia.

---

<sup>16</sup> Idem. P. 32.

<sup>17</sup> BARROSO, Gustavo. *Brasil – Colônia de Banqueiros*. P. 32.

<sup>18</sup> Idem. P. 69.

Outro instrumento empregado pelos seguidores do antissemitismo no Brasil e no mundo para legitimar o ódio e o combate aos judeus foi Os *Protocolos dos Sábios do Sião*, suposto plano judaico para conquistar o mundo e estabelecer seu governo universal. Os Protocolos teriam surgido em 1897 durante um congresso de associações sionistas realizado em Basiléia, na Suíça. Nele, teriam sido assentadas as bases de um programa de conquistas, cuja amplitude os êxitos precedentemente obtidos justificavam, no dizer de Roger Lambelin<sup>19</sup>. O autor ou autores dos *Protocolos* é desconhecido. De acordo com Roger Lambelin, esse programa não indicava somente os objetivos sucessivos a conseguir: preconizava também os métodos a seguir e as regras táticas a observar. As várias secções do Congresso, explica Lambelin, redigiriam as atas de suas sessões, denominadas protocolos, destinadas a serem comunicadas a certos iniciados e a conservar as resoluções dos conciliábulos secretos.<sup>20</sup> Os *Protocolos dos Sábios de Sião* teriam sido publicados pela primeira vez em 1902, na Rússia, pelo professor Sérgio Nilus e edições desse documento foram sucessivamente publicadas em várias línguas. No Brasil, a primeira edição foi lançada em 16 de setembro de 1936, com tradução de Gustavo Barroso.

A autenticidade desse documento sempre foi contestada pelos judeus, alegando ser os *Protocolos* um plágio grosseiro de um livro escrito pelo francês Maurício Joly, em 1865, sob o título *Diálogos no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu*, onde o autor critica o reinado de Napoleão III, na França. Partindo do texto de Joly, os *Protocolos* teriam sido forjados por três policiais russos da Ochrana czarista, com o objetivo de influenciar os meios conservadores da Corte imperial da

---

<sup>19</sup> No livro *Os Protocolos dos Sábios de Sião* publicado no Brasil, Roger Lambelin é responsável por uma de suas partes. No entanto, não há informações sobre quem é Roger Lambelin. BARROSO, Gustavo. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. P. 27.

<sup>20</sup> Idem.

Rússia, propagando por toda a parte a suspeita da existência de vasta conspiração judaica (W. Creutz).<sup>21</sup>

A edição brasileira dos *Protocolos dos Sábios de Sião* está dividida em quatro partes: a primeira, *O Perigo Judaico*, por Roger Lambelin; a segunda, *Autenticidade dos Protocolos dos Sábios de Sião*, por W. Creutz<sup>22</sup>; a terceira, *O Grande Processo de Berna sobre a Autenticidade dos Protocolos*, provas documentais por Gustavo Barroso; quarta, *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, texto original completo em vinte e quatro capítulos.<sup>23</sup>

Todavia, os antissemitas apresentaram vários argumentos tentando contradizer a afirmação de falsificação, como o trecho de uma suposta carta enviada por um judeu chamado Baruch Levy a Karl Marx, revelando que o verdadeiro fim de uma sociedade secreta fundada em 1847, na Inglaterra, seria estabelecer o poder mundial de Israel. A carta desvendaria uma conspiração judaica para estabelecer uma República Universal, na qual os filhos de Israel seriam os elementos predominantes e possuidores das chaves de todo tesouro do mundo, graças à vitória do proletariado.<sup>24</sup> Para muitos integralistas antissemitas, documentos como este reforçaram ainda mais a imagem de que comunismo e judaísmo caminhavam juntos e que, portanto, deveriam ser combatidos.

Na segunda parte do livro editado no Brasil, W. Creutz usa o que seria um pronunciamento de um rabino, Reichhorn, feito em 1869, para provar a veracidade dos Protocolos:

*“Durante séculos os Filhos de Israel, desprezados e perseguidos, trabalharam para abrir o caminho do poder.*

---

<sup>21</sup> CREUTZ, W.. In. *Brasil – Colônia de Banqueiros*. P. 43-44.

<sup>22</sup> A exemplo de Roger Lambelin, também não há informações sobre W. Creutz.

<sup>23</sup> Outro detalhe importante é a ausência em muitas partes do texto de informações essenciais para uma melhor compreensão, tais como datas, uma descrição minuciosa dos nomes citados e uma redação mais clara.

<sup>24</sup> BARROSO, Gustavo. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. P. 47.

*Chegam à meta. Controlam a vida econômica dos malditos cristãos e sua influência é preponderante sobre a política e os costumes. Na hora que quiserem, de antemão fixada, desencadearão a revolução que, arruinando todas as classes da cristandade, escravizará definitivamente os cristãos. Assim se cumprirá a promessa de Deus feita a seu povo” .<sup>25</sup>*

Creutz achava que a promessa havia se concretizado na “pobre” Rússia. O uso político por trás das referências religiosas, mostra a simbiose entre o antissemitismo religioso e racial. Roger Lambelin ao resumir os Protocolos vislumbrava o fim do que chamou de liberalismo cristão:

*“Os povos cristãos serão um dia levados a tal desespero que reclamarão um supergoverno universal emanado dos judeus... A autocracia judaica substituirá o liberalismo dos estados cristãos. Todas as religiões serão abolidas, salvo a de Moisés. Para mostrar seu poder, os judeus esmagarão e escravizarão pelo assassínio e o terrorismo um dos povos da Europa...”<sup>26</sup>*

Procurando ratificar a autenticidade dos supostos planos judaicos de domínio universal, Gustavo Barroso considerava que muitas profecias haviam se realizado: *“O comunismo, que decorre deles e é o coroamento da obra judaica, ameaçou subverter o mundo. A civilização cristã”, antes de Mussolini e de Hitler, quase levou a breca. Tudo isso advertiu o mundo do perigo judaico. E o antijudaísmo abrolhou por toda parte como uma reação defensiva natural e necessária”.*<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> Idem. P. 48.

<sup>26</sup> BARROSO, Gustavo. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. P. 29.

<sup>27</sup> Idem. P. 63.

Barroso alimentou ainda mais o imaginário em torno da veracidade dos *Protocolos*, alegando que o resumo dos supostos plano judeus estaria contido no livro do profeta conhecido pelos exegetas como Segundo Isaías, Deutero-Isaías:

*“Os judeus governarão as nações; chamarão a si os povos que nem mesmo conheçam, os quais correrão para eles... . O Povo Eleito beberá o leite das nações e sugará o seio dos reis, devotará a fortuna das nações e se cobrirá de esplendor”.*<sup>28</sup>

Os *Protocolos dos Sábios de Sião* tornaram-se o maior panfleto antissemita de todos os tempos, uma poderosa arma ideológica capaz de embalar o imaginário de fascistas, nazistas e integralistas e servir para explicar desastres, como a derrota alemã na Primeira Guerra. Ao cita-los em *Minha Luta*, Hitler afirmou: *“O que muitos judeus podem fazer inconscientemente está aqui conscientemente exposto”.*<sup>29</sup>

### **O antissemitismo na Imprensa de Olympia: os discípulos de Barroso**

Na década de 30, os intelectuais integralistas dispuseram de amplo espaço no jornal “Cidade de Olympia” para revelar aos habitantes do sertão suas idéias, seus desejos, suas angústias, seus preconceitos e disseminar a “solução verde” como única apta a salvar o Brasil das garras do comunismo, do liberalismo, do capitalismo e do judaísmo. O semanário constituiu-se no principal instrumento semeador do imaginário antissemita e do ódio aos judeus disseminado pelos camisas-verdes. Pelas páginas do periódico, integralistas desfilaram seu repertório de acusações contra o judaísmo. Os livros panfletários *Brasil – Colônia de Banqueiros* e *Os Protocolos dos Sábios de Sião* serviram de embasamento teórico aos camisas-verdes antissemitas do sertão paulista, verdadeiros discípulos de

---

<sup>28</sup> Idem. P. 72.

<sup>29</sup> HITLER, Adolf. *Minha Luta*. P. 281.

Gustavo Barroso. Às vésperas do Natal de 1934, Alpínolo Lopes Casali fez conferência em Olympia e abordou a situação da dívida externa brasileira utilizando-se do livro de Gustavo Barroso, *Brasil – Colônia de Banqueiros*, que acabara de ser lançado.<sup>30</sup>

A primeira referência antissemita apareceu no jornal “Cidade de Olympia” em março de 1933 por ocasião da publicação do artigo *Do Comunismo e do Integralismo*, de Philemon Ribeiro da Matta, que traçava um paralelo entre o que pretendiam as duas doutrinas. Unindo o judaísmo ao comunismo, Matta advertia que o comunismo ansiava acabar com as pátrias, transformando-as em colônias sob o domínio dos judeus.<sup>31</sup> Os exércitos não teriam outro serviço a não ser garantir os judeus no poder, concluiu o camisa-verde.<sup>32</sup> Philemon foi responsável por outro artigo em que os judeus apareciam mancomunados ao movimento bolchevista. Ele denunciava que os judeus mandavam seus emissários espalharem as idéias bolchevistas e a imprensa “mercenária” pregar o internacionalismo.<sup>33</sup>

A suposta ameaça que o judaísmo representaria para a civilização cristã apareceu no artigo publicado em 1934 pelo integralista identificado por Conselheiro Y. Ao criticar a adoção do ensino público laico no Brasil e outros países, denunciava um suposto plano oculto perpetrado pelos judeus e pela maçonaria para destruir a civilização cristã. O Conselheiro Y apontava a laicidade do nosso ensino público como obra do que chamou de “judeu-maçonaria”, mas que felizmente poucos teriam sido os países que aceitaram tal “monstruosidade”.<sup>34</sup> Em outro trecho do artigo, o integralista justificou sua denuncia afirmando que o objetivo da judeu-

---

<sup>30</sup> *Conferência Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 6 de janeiro de 1935.

<sup>31</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Do Comunismo e do Integralismo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 19 de março de 1933.

<sup>32</sup> Idem.

<sup>33</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Integralismo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 1º de outubro de 1933.

<sup>34</sup> CONSELHEIRO Y. *Plano Occulto*. Jornal “Cidade de Olympia”, 8 de abril de 1934.

maçonaria seria a formação de um povo ateu, facilitando a derrota da religião católica.<sup>35</sup> Mesmo se auto-afirmando uma ideologia cristã, sem vínculo com nenhuma religião, a maioria dos integralistas era declaradamente católica e apesar de legitimar seu antissemitismo na luta pela preservação do cristianismo, percebe-se que para muitos camisas-verdes a luta resumia-se entre católicos e judeus.

Nos *Protocolos*, encontram-se alguns trechos que colaboram com o pensamento expresso pelo Conselheiro Y. W. Creutz ao resumir em vinte e dois itens o que premeditaram os Sábios de Sião, citou em primeiro lugar: *corromper a mocidade pelo ensino subversivo*.<sup>36</sup> E em nota de rodapé, Gustavo Barroso afirmava: “...todo o sistema de educação é hoje conduzido no sentido prescrito nos *Protocolos*. Os olhos, os ouvidos e as mãos aprendem maquinalmente, anulando-se pouco a pouco o trabalho do cérebro”.<sup>37</sup> No mesmo artigo, o Conselheiro integralista recomendava a educação como forma de combater o que classificou de “poderes sinistros que trabalham pela ruína da ordem vigente no mundo”.<sup>38</sup> A educação de jovens dentro da ideologia, baseada no tripé Deus, Pátria e Família, sempre foi um dos pilares doutrinários do movimento integralista.

A ligação entre judaísmo e comunismo apareceu em diversos artigos de autoria de camisas-verdes, recrudescendo o ódio antissemita, uma vez que o Integralismo tinha como um de seus principais inimigos os comunistas. Dentro do conceito estabelecido por Eliana Dutra, integralismo/comunismo faziam parte dos pilares que sustentavam o arcabouço do edifício totalitário.<sup>39</sup> O integralismo criou um imaginário colocando lado a lado dois inimigos que supostamente continham o mesmo perfil ideológico, as mesmas pretensões futuras, ou seja, o domínio universal

---

<sup>35</sup> Idem.

<sup>36</sup> BARROSO, Gustavo. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. P. 54.

<sup>37</sup> Idem. P. 152.

<sup>38</sup> CONSELHEIRO Y. *Plano Occulto*. Jornal “Cidade de Olympia”, 8 de abril de 1934.

<sup>39</sup> DUTRA, Eliana. *O Ardil Totalitário*. P. 19.

e o aniquilamento da civilização cristã. Portanto, ambos tinham que ser destruídos em nome de Deus, da Pátria e da Família.

Alimentando esse imaginário, podemos recorrer aos Protocolos no seu capítulo III:

*...Nós apareceremos ao operário como libertadores desse jugo, quando lhe propusermos entrar nas fileiras do exército de socialistas, anarquistas e comunistas que sempre sustentamos sob o pretexto de solidariedade entre os membros de nossa franco-maçonaria social.*<sup>40</sup>

Nos artigos do “Cidade de Olympia” os integralistas referiam-se aos judeus e aos comunistas como algo aterrorizante, o anticristo, aqueles predestinados a aniquilar o espírito da ordem e da cristandade para estabelecer o caos:

*“Os judeus, os communistas, os arrivistas que, todos os dias, aportam às nossas plagas golpeiam com o machado soviético a cruz que plantastes<sup>41</sup>, como padrão da nossa crença e de nossa nacionalidade, nos nossos valles fecundos, nas nossas praias, e no dorso de velludo verde de nossas collinas e de nossas serras.”<sup>42</sup>*

Dentro desta lógica, o integralista olimpiense Ruy do Amaral foi mais longe ao revelar uma aliança secreta entre o capitalismo e o comunismo judaicos.<sup>43</sup> O que Amaral fez, na realidade, foi sustentar sua revelação no conceito integralista de que capitalismo e comunismo seriam frutos do liberalismo, adicionando o ingrediente judaico, ausente dos manuais do Integralismo.

O artigo de Ruy do Amaral encontra paralelo no que escreveu Gustavo Barroso em *Brasil – Colônia de Banqueiros*:

---

<sup>40</sup> BARROSO, Gustavo. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. P. 96.

<sup>41</sup> O autor refere-se ao Padre Anchieta.

<sup>42</sup> PARANHOS, Ulyses. *Oração a Anchieta*. Jornal “Cidade de Olympia”, 15 de abril de 1934.

<sup>43</sup> AMARAL, Ruy do. *A Lei de Segurança*. Jornal “Cidade de Olympia”, 7 de abril de 1935.

*“...o comunismo é a outra face do capitalismo. Ambos formam o deus Janus do materialismo moderno, pois se enraízam no movimento anti-indivíduo-lógico naturalista iniciado pelo socialismo utópico dos sensimonistas... Tanto o capitalismo científico como o comunismo científico saem do liberalismo econômico, são seus filhos gêmeos..”<sup>44</sup>*

O mais contundente antissemita que escreveu para o semanário foi o médico Philemon Patrículo Ribeiro da Mata, discípulo de Barroso e crente nas profecias dos *Protocolos*, como podemos perceber neste trecho do artigo sobre a Rússia: *“...a Rússia saíu do seio da humanidade, tirou as vestes de humanos, para vestir as de urso, o animal traiçoeiro que todos sabem. É hoje o centro do judaísmo. É a terra dos judeus, isso é, a terra onde se faz força para destruir a civilização cristã. Quase todos os revolucionários que implantaram o comunismo na Rússia eram judeus”*.<sup>45</sup> Artigos como este ajudaram os integralistas a criar um imaginário fértil e aguçar o ódio contra seus principais inimigos, como forma de atrair um número maior de militantes.

Outro foco dos ataques integralistas foi a imprensa, supostamente controlada pelo capital judaico com o propósito de manipular a opinião pública. Gustavo Barroso já chamava a atenção para esse fato em *Brasil – Colônia de Banqueiros*, onde critica a imprensa brasileira por abrir espaço para os judeus e não oferecer sequer uma coluna para o Integralismo: *“...o povo escolhido concita as agremiações judaicas a auxiliarem a imprensa para ela servir de pára-choque inicial a qualquer luta”*.<sup>46</sup>

No capítulo II dos *Protocolos dos Sábios de Sião* encontramos referências ao suposto domínio da imprensa pelo judaísmo:

---

<sup>44</sup> BARROSO, Gustavo. *Brasil – Colônia de Banqueiros*. P. 115-116.

<sup>45</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Rússia*. Jornal “Cidade de Olympia”, 19 de janeiro de 1936.

<sup>46</sup> BARROSO, Gustavo. *Brasil – Colônia de Banqueiros*. P. 251-252.

*Os Estados modernos possuem uma grande força criadora: a imprensa. O papel da imprensa consiste em indicar as reclamações que se dizem indispensáveis, dando a conhecer as reclamações do povo, criando descontentes e sendo seu órgão.*

*A imprensa encarna a liberdade da palavra. Mas os Estados não souberam utilizar essa força e ela caiu em nossas mãos.<sup>47</sup>*

Se por um lado o Integralismo criticava a imprensa, por outro utilizava-se dela, até mesmo em cidades do interior, para propagar suas idéias racistas (o próprio jornal “Cidade de Olympia” foi um exemplo disso).

Neste sentido, vários artigos integralistas criticavam a imprensa e pregavam seu controle pelo Estado como meio dela servir aos interesses da nação e não dos judeus, de tal modo que defendiam: *A fiscalização directa do Estado sobre o cinema, o teatro, a imprensa, o rádio e todos os vehiculos do pensamento que estão hoje attentando contra a liberdade, forçando o povo a submeter-se aos caprichos de capitalistas judeus, de burguezes sórdidos, de espírito anarchico de agentes de Moscow.*<sup>48</sup> A referida citação fazia parte das *Diretrizes Integralistas*, mas sua publicação nos livros *O Integralismo Brasileiro Perante a Nação*, de Plínio Salgado, edição de 1946, e *O que o Integralista deve saber*, de Gustavo Barroso, edição de 1937, não fazem alusão aos capitalistas judeus e sim, capitalistas internacionais. O mesmo texto procurava mostrar um integralismo preocupado com o controle da economia nacional como medida para “impedir nossa escravização econômica aos judeus de Londres e Nova York”.<sup>49</sup>

---

<sup>47</sup> Idem. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. P. 93.

<sup>48</sup> *Ação Integralista Brasileira – Ao Povo*. Jornal “Cidade de Olympia”, 30 de setembro de 1934.

<sup>49</sup> Idem.

Menotti Del Picchia num pequeno artigo publicado no “Cidade de Olympia” tentou cavar uma trincheira contra o que chamou de “Guerra ao Monstro! Guerra ao Trust judeu do papel!”. Del Picchia enumerou os males que o “polvo judaico do trust do papel” causava à cultura brasileira, entre eles, a privação das populações do grande veículo de socialização do pensamento que é a imprensa amplamente difundida.<sup>50</sup> Ruy do Amaral também apontou a imprensa brasileira como conluiada aos judeus. Num artigo subjacente, o fundador do núcleo municipal da A.I.B. acusou implicitamente Assis Chateaubriand de ligação com o capitalismo judaico internacional, que teria por intermédio dos Diários Associados desencadeado uma campanha de difamação do movimento integralista.<sup>51</sup>

A crença nos *Protocolos* referente à imprensa, pode ser identificada neste trecho de um texto de Philemon Ribeiro da Matta, comparando os jornais integralistas e os jornais “democráticos”:

*“Consola o facto de se saber que, no Brasil, já existe uma imprensa honesta, que fere os nossos problemas mais vitaes, por amor ao Brasil, sem fazer a menor chantage. Não é a imprensa que tem, como chefe supremo, o melífluo judeu Moses, a defender perante as autoridades do paiz, todos os comparsas, mesmo os mais venenosos e trahidores...”*<sup>52</sup>

Os ataques desencadeados pelos camisas-verdes buscavam criar a imagem de uma imprensa comprometida com os inimigos da nação e do cristianismo, no caso os judeus, e elevar a imprensa integralista ou a comprometida com o movimento à condição de porta-voz da única força capaz de derrotá-los.

---

<sup>50</sup> PICCHIA, Menotti Del. *Polvo Judaico*. Jornal “Cidade de Olympia”, 2 de junho de 1935.

<sup>51</sup> AMARAL, Ruy do. *Norma Política*. Jornal “Cidade de Olympia”, 15 de novembro de 1936.

<sup>52</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Jornaes Integralistas versus Jornaes da Democracia*. Jornal “Cidade de Olympia”, 28 de março de 1937.

Os banqueiros judeus evidentemente foram outro alvo privilegiado da aversão dos antissemitas estimulada por Gustavo Barroso e isto aparecia em textos de integralistas elaborados em harmonia com o pensamento “barrosiano”. O chefe das milícias integralistas ao descrever a história de nossa dívida externa e do que chamou de nossa escravização ao capitalismo internacional, imputava toda a culpa aos banqueiros judeus, fartamente mencionados em sua obra (Rotschild, Dillon Read & Cy., Baring Brothers e Schroeder, Lazard Brothers e outros).

Confrontando um trecho do livro de Gustavo Barroso a um artigo integralista, fica explícita a sua influência no pensamento de muitos militantes de Olympia. Barroso criticava o Estado liberal-democrático, por ele apontado como facilitador da expansão da força dominadora (banqueiros judeus), que atentaria contra os princípios fundamentais da civilização cristã.<sup>53</sup> Antonio Daud expressou pensamento análogo ao de Barroso, de que a Liberal democracia arrastava o Brasil à deplorável contingência de bater às portas dos banqueiros judeus.<sup>54</sup> No artigo, Daud corroborava com o próprio título do livro de Barroso:

*“Os mais fervorosos adeptos do Liberalismo, são os que pretendem destruir a Pátria, entregando-a aos banqueiros judeus que fazem do nosso Brasil um paiz de recreio e uma ingênua colônia, onde elles possam, mais livremente, agrupar o seu ouro, para que mais tarde se tornem senhores absolutos deste mesmo recanto.”<sup>55</sup>*

O operariado, por sua vez, apareceu relacionado ao tema do antissemitismo integralista em apenas um artigo subscrito pelo camisa-verde identificado pelas iniciais S.P. (provavelmente Sylviano Pinto), que alertava os operários sobre as principais causas das misérias humanas, entre elas, “o

---

<sup>53</sup> BARROSO, Gustavo. *Brasil – Colônia de Banqueiros*. P. 17.

<sup>54</sup> DAUD, Antonio. *Porque me tornei Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 28 de abril de 1935.

<sup>55</sup> Idem.

*capitalismo desenfreado, que escraviza e rouba o que lhe é mais sagrado, o trabalho*".<sup>56</sup> Os judeus, concluiu o integralista, seriam os responsáveis por esta situação: "*...Esta exploração cruel é operada desgraçadamente pelos agiotas, pelos burguezes sem coração, pelos judeus sem pátria, que endeusaram o dinheiro e só se estabelece onde ele rende mais lucros*".<sup>57</sup> O artigo mostrava o imaginário antissemita inserido na estratégia da extrema direita, neste caso o Integralismo, para justificar um regime totalitário:

*"...o que é essencial para a realização da verdadeira justiça social é a existência de um Estado-forte. E nós somos partidários delle; somos partidários de um Estado-forte, que não receba injunção de partidos conservadores ou trabalhistas; que não dependa de empréstimos de judeus; que não seja ridículo a ponto de não poder conceder um "habeas-corpus", porque não o quer o partido situacionista. Não. Nós queremos um Estado-forte, que seja mais forte que os partidos dos judeus, não depender delles para distribuir justiça."*<sup>58</sup>

O texto apresentava os judeus como formadores do pluripartidarismo, enquanto os integralistas, criadores de imaginários, articulavam-se em torno do que Eliana Dutra chama de pares antitéticos: o Integralismo = o bem, a cura; o judaísmo, o comunismo, o capitalismo, o liberalismo e a maçonaria = o mal, a doença. A mesma estratégia apareceu em outro artigo escrito por Philemon da Matta, ao analisar o momento econômico-financeiro que atravessava o Brasil nos anos 30: "*...o mal é da liberal democracia, que vem permitindo o desenvolvimento do COMMUNISMO DE MOSCOW, dos inimigos de Deus, da Pátria e da Família. E só*

---

<sup>56</sup> S.P.. *O operariado em face do Integralismo*. Jornal "Cidade de Olympia", 2 de junho de 1935.

<sup>57</sup> Idem.

<sup>58</sup> S.P.. *O operariado em face do Integralismo*. Jornal "Cidade de Olympia", 2 de junho de 1935.

*os integralistas poderão salvar o Brasil do judaísmo internacionalista, que, na sombra, procura apunhalar os que batem pelas idéas mais puras e sagradas”*.<sup>59</sup>

O discurso dos integralistas no semanário enquadrava o antissemitismo como parte efetiva da doutrina do Sigma a ser seguida e defendida. Imaginavam os judeus como seus legítimos inimigos, tanto quanto os comunistas, e como cristãos teriam o dever de combatê-los em nome da salvação da civilização cristã, pelo bem do Brasil, de Deus e da Família. Neste cenário, podemos afirmar que pelo menos havia um desejo em desencadear uma agitação antissemita, que somente não teria sucedido devido à inexistência de um ambiente que permitisse tal movimento em Olympia. Sendo assim, o antissemitismo limitou-se ao discurso panfletário no jornal “Cidade de Olympia”, talvez como instrumento de propaganda. É importante ressaltar que entre os anos de 1920 e 1930 viveram em Olympia somente sete famílias judias, originárias da Bessarábia, Romênia, Rússia e Polônia, em sua maioria comerciantes. O historiador José Maria de Jesus Marangoni revela em seu livro *Olympia – Cidade Menina-Moça (1857-1945)*, que as famílias judias eram formadas por “gente boa, sem antecedentes criminais, ordeira e trabalhadora, excelentes chefes de família”.<sup>60</sup>

Concluindo, a pretensão deste texto não foi e nem poderia ser o de responder à pergunta porque o mundo cristão e islâmico odiou tanto os judeus, pois o antissemitismo é um fenômeno que desafia o tempo e a razão, mas provocar uma discussão sobre como o antissemitismo foi usado pela extrema direita (Ação Integralista) no Brasil e mais detidamente em Olympia, não só para tentar cooptar adeptos, como também para criar um imaginário onde o integralismo fosse visto como a encarnação do bem, a cura, a salvação nacional, o espírito da luz, em

---

<sup>59</sup> MATTA, Philemon Ribeiro da. *Acção Integralista*. Jornal “Cidade de Olympia”, 14 de outubro de 1934.

<sup>60</sup> MARANGONI, José Maria de Jesus. *Olympia – Cidade Menina-Moça (1857-1945)*. P. 62-63.

contraposição aos judeus, a encarnação do mal, a doença, o infortúnio nacional, o espírito das trevas e como se processou uma militância antissemita numa cidade do então sertão paulista.

Como explicar uma forte campanha antissemita num lugar como Olympia, cidade sem a presença maciça de judeus e distante dos grandes centros capitalistas? O antissemitismo quem sabe tenha se constituído numa idéia fora de lugar, emergindo em Olympia porque os integralistas acreditavam no antijudaísmo como um mandamento da ideologia do sigma. Outra hipótese é o seu caráter fantasmagórico. O antissemitismo na cidade pode ter servido como instrumento de propaganda integralista para atrair a simpatia da população. Os discursos dos camisas-verdes tentavam inocular o terror na população do sertão, diante da ameaça que o judeu representaria para a civilização cristã. Em tom quase profético, os integralistas proclamavam: ou o Integralismo vence, ou os judeus dominam o Brasil.

Pierre Sorlin, que estudou o antissemitismo alemão, afirma que não chega a ser necessária a presença de um núcleo israelita para alimentar o fenômeno<sup>61</sup>, caso característico de Olympia.

O antissemitismo pode ter contado com uma série de fatores cujas engrenagens, como pequenas peças de máquinas, devem funcionar no momento adequado, argumenta Maria Luiza Tucci Carneiro.<sup>62</sup> No caso de Olympia, algumas dessas engrenagens podem ter funcionado como motivação para o discurso antissemita contido no integralismo: intelectuais capazes de sustentar uma teoria racial, uma exposição racional e organizada das idéias, fundamentadas e

---

<sup>61</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Antissemitismo na Era Vargas (1930-1945)*. P. 44.

<sup>62</sup> Idem. P. 44-45.

argumentadas utilizando-se de uma doutrina e uma forte tradição católica (quase todos os camisas-verdes do sertão eram católicos).

A influência do catolicismo no sentimento antijudaico torna-se evidente nas declarações do integralista Ítalo Galli, quando o assunto é se a religiosidade justificaria o antissemitismo: *“Não seria antissemitismo, seria um esclarecimento do que é o semitismo. Um esclarecimento das finalidades desse semitismo. A igreja apenas esclarece, o papa tem a obrigação de esclarecer o mundo. Ele esclarece mais ninguém obedece.”*<sup>63</sup>

A existência de um discurso antissemita por parte de integralistas em Olympia seria apenas a “exorbitância”, uma expressão pessoal sobre o tema, que não era condizente com a doutrina do Sigma, uma doutrina católica, sem ódios contra ninguém, apenas com prevenção e proteção em relação aos judeus, afirma Ítalo Galli.<sup>64</sup>

Sessenta e nove anos depois de publicar o primeiro artigo com menção antissemita, Ruy do Amaral acredita que o discurso antiisraelita em Olympia tenha existido porque alguns integralistas influenciados por Gustavo Barroso adotavam a posição racista. Entretanto, prossegue Amaral, esses camisas-verdes não eram estimulados, mas contidos, pois não haveria necessidade daquela atividade numa cidade que não tinha os problemas que havia na Alemanha nazista, onde os judeus tinham uma comunidade muito grande e eram detentores do poder econômico:

*“Na realidade, o integralismo através do líder Gustavo Barroso adotando uma linha antissemita, tinha por objetivo, principalmente, atrair os religiosos, as pessoas religiosas para a doutrina integralista com o fantasma do comunismo e o perigo que a civilização cristã estaria passando com*

---

<sup>63</sup> Entrevista concedida ao autor em São Paulo, em 17 de dezembro de 2002.

<sup>64</sup> Idem.

*uma eventual vitória de um comunismo ateu, de um comunismo anticristão. Daí para angariar a simpatia dos cristãos e no caso do Brasil dos católicos, havia a idéia de identificar o comunismo como o ateísmo anticristão e com o ateísmo cruel, vingativo, perseguidor dos cristãos como se estivéssemos vivendo na Idade Média.*<sup>65</sup>

A campanha antissemita desfechada pelo jornal “Cidade de Olympia” evidencia as influências do pensamento do chefe das milícias Gustavo Barroso sobre os camisas-verdes que assinavam os artigos. Podemos encontrar vários pontos convergentes na abordagem do tema. Barroso em seus livros procurava evidenciar a escravização do Brasil aos banqueiros judeus internacionais, a associação do judaísmo ao comunismo e ao capitalismo, as ameaças judia a família, a pátria e ao cristianismo, o controle da imprensa, o envolvimento dos judeus com a Revolução Russa de 1917, exatamente o que tentavam os integralistas em seus artigos publicados no periódico olimpiense.

### **O antissemitismo na memória de integralistas**

Assim como no caso da associação do integralismo ao fascismo, poucos integralistas atualmente admitem ter existido uma corrente antissemita no seio da Ação Integralista Brasileira. A maioria prefere descrever a existência pontual de camisas-verdes que nutriram simpatia pelo antissemitismo, arrastados pelas idéias de Gustavo Barroso e suas obras panfletárias.

O professor José Baptista de Carvalho é um exemplo da influência de Barroso e acredita que o antissemitismo empolgou um grande número de integralistas, estimulado pelos movimentos antiliberais e anticomunistas europeus,

---

<sup>65</sup> Entrevista concedida a este autor no dia 17 de setembro de 2002, no Rio de Janeiro.

que trariam em seu bojo o antissemitismo.<sup>66</sup> José Baptista admite ter sido um seguidor do pensamento racista desenvolvido por Gustavo Barroso nos anos 30:

*“O integralismo foi um movimento muito amplo, um movimento que admitiu desde as classes sociais até os movimentos religiosos, nunca discriminou nenhum movimento religioso, mas evidentemente alguns ou muitos dos integralistas acabaram entrando nesta onda do antissemitismo. Um dos grandes responsáveis por isso, indiscutivelmente, foi o historiador Gustavo Barroso, que apanhou esse veio crítico e desenvolveu uma série de trabalhos em cima deste tema. Eu acho que essa linha antissemita do Gustavo Barroso e do Integralismo foi mais uma questão de época. Plínio Salgado nunca embarcou nessa de radicalizar, ele também tinha uma visão crítica a respeito do capitalismo e também uma visão crítica a respeito da participação dos judeus neste esquema de capitalismo internacional.”<sup>67</sup>*

Hélio Pellegrini considera que todo antissemita não passa de uma pessoa radical e como cristão não poderia deixar de amar todas as raças: *“Todos nós somos irmãos de Jesus e o mestre era filho de judeus. O Integralismo como doutrina defende a trilogia Deus, Pátria e Família e sendo essa uma doutrina espiritualista, defendemos todas as raças e o amor fraternal entre os povos”*.<sup>68</sup>

Camisas-verdes como Gumercindo Rocha Dorea fazem questão de avaliar a inexistência de qualquer referência que pudesse confirmar que o movimento

---

<sup>66</sup> José Baptista de Carvalho nasceu em 07 de junho de 1929, em Itajobi, interior de São Paulo. Foi integralista e membro do Partido de Representação Popular. É professor universitário aposentado e presidente da Casa Plínio Salgado, em São Paulo. Concedeu entrevista ao autor em 17 de outubro de 2002.

<sup>67</sup> Idem.

<sup>68</sup> Hélio Pellegrini nasceu em Ribeirão Preto em 18 de abril de 1920. Foi integralista e membro do Partido de Representação Popular. Foi também Técnico da Profilaxia do Tracoma, do Instituto do Tracoma e Higiene Visual do Estado de São Paulo. Concedeu entrevista ao autor em 29 de maio de 2001, em São José do Rio Preto.

integralista era antissemita. Não havia essa possibilidade, afirma Gumercindo, afinal de contas o Brasil é um país de mistura de raças.<sup>69</sup> A posição de Gustavo Barroso no tocante ao judeu, explica o integralista, não era um problema racista e sim um problema de economia política do capitalismo. Não obstante, Gumercindo também pensa que os principais líderes da Revolução Russa de 1917 eram judeus e que o capitalismo internacional estava e continua nas mãos dos judeus e, portanto, a posição de Barroso não era anti-racista, era contra esse capitalismo, que por acaso ou não, estava nas mãos dos judeus.<sup>70</sup>

Entretanto, o caso mais emblemático entre os sobreviventes da A.I.B. é o do desembargador Ítalo Galli. Ao mesmo tempo em que recusa o rótulo de antissemita não consegue ocultar sua aversão aos judeus. Seu antissemitismo aparece impregnado de religiosidade:

*“O movimento integralista não tinha uma objeção ao judaísmo, ele apenas mostrava o que todos sabem, eles repelem Jesus Cristo, como nós vamos aceitá-los, mas nós não tínhamos isto como um objetivo específico de combate, nós não tínhamos um empenho de combatê-los por isso. Nós achávamos que eles não conheceram, não aceitaram, não receberam Cristo, foram castigados e continuam sendo castigados até que no fim do mundo eles vão voltar para Deus outra vez e o último papa será judeu.”<sup>71</sup>*

---

<sup>69</sup> Gumercindo Rocha Dorea nasceu em Ilhéus (BA) em 04 de agosto de 1924, é editor e proprietário das Edições G.R.D.. Foi integralista e membro do Partido de Representação Popular. Concedeu entrevista a este autor em São Paulo, no dia 19 de julho de 2001.

<sup>70</sup> Idem.

<sup>71</sup> Ítalo Galli nasceu no povoado de Marcondésia, município de Monte Azul Paulista, em 20 de agosto de 1913. Foi advogado, desembargador e presidente do Tribunal de Alçada Criminal de São Paulo entre 1972-73. Foi chefe municipal do Núcleo da A.I.B. e chefe regional, quando o núcleo se estendeu de Olympia a Nova Granada. Concedeu entrevista ao autor em 2 de março de 2001, em São Paulo.

O castigo a que se refere Galli teria sido perpetrado por Adolf Hitler, numa Alemanha onde os judeus tomavam conta de tudo, das cátedras, cobrando juro escorchantes e provocando o ódio do povo alemão, conclui Galli.<sup>72</sup> O camisa-verde defende pontos de vista no mínimo estranhos em relação ao holocausto judeu durante a Segunda Guerra Mundial:

*“Não houve essa devastação de judeus. Hitler não matou tantos judeus como se apregoa. Naturalmente não havia 15 milhões de judeus em toda a Europa, nem havia 5 milhões na Alemanha. De maneira que foi por castigo, agora como Hitler se excedeu no castigo também foi castigado. Assim que Deus manobra a humanidade (risos). Está na Bíblia, conforme acentua o apóstolo São Paulo na Epístola aos Romanos, pelo pecado dos judeus veio a salvação aos gentios para os incitar a emulação. Ora, se o seu delito foi a riqueza do mundo e a sua redução, a riqueza dos gentios quanto mais a sua plenitude, quer dizer Deus permitiu o castigo dos judeus perseguindo os cristãos para trazer uma inimizade do povo contra os judeus e essa inimizade favoreceu ao cristianismo. Agora no final do mundo Deus vai perdoar por causa da sua infinita bondade. Eles são muito queridos por causa dos seus pais. E Deus no final do mundo vai perdoar tanto judeus como cristãos por seus respectivos pecados.”<sup>73</sup>*

Por outro lado, Ítalo Galli garante que a Ação Integralista não era um movimento que tinha no antissemitismo uma de suas características. Plínio Salgado era católico, comenta Galli, a divisa dele era Deus dirige os destinos dos povos e

---

<sup>72</sup> Idem.

<sup>73</sup> Idem.

sendo assim não poderia dirigir ódio contra ninguém, somente esclarecer o povo que os judeus estavam errados.<sup>74</sup> O cristianismo não é contra o judaísmo, o judaísmo que é contra o cristianismo, mas no fim do mundo os judeus irão se reconciliar com Deus, prevê o integralista. Na sua opinião, Plínio falou muito pouco sobre os judeus, enquanto Barroso foi mais enérgico e teria mostrado que essa “turma” estava errada, sem, contudo, ter existido perseguição integralista aos judeus.<sup>75</sup>

Usando termos como “essa turma” numa alusão aos judeus, Galli conta que como chefe municipal do núcleo e governador distrital da A.I.B. em Olympia nunca introduziu o antissemitismo em seus discursos semanais, na década de 30. O camisa-verde admite crer na veracidade dos *Protocolos dos Sábios do Sião*, obra traduzida no Brasil por Gustavo Barroso: “*Mas é claro que eu acredito, porque, tem dúvida quanto a isso? Não é forjado não, é autêntico. Os “Protocolos...” são autênticos. Mas os judeus são isso mesmo, eles fazem tudo errado.*”<sup>76</sup> Sobre a propaganda antijudaica no “Cidade de Olympia”, Ítalo Galli atribui ao fato de que alguns teriam ficado irritado e extravasado seu pensamento.

Fundador do núcleo municipal da Ação Integralista em Olympia no ano de 1934, Ruy do Amaral descreve que na época não estava convencido doutrinariamente do acerto em participar de uma militância antissemita. Por sua formação cristã, Amaral entende que se afastaria do antissemitismo, mas admite a existência de uma corrente racista dentro do integralismo influenciada pelos livros panfletários de Barroso.<sup>77</sup> No entanto, Ruy do Amaral procura minimizar a impacto

---

<sup>74</sup> Idem.

<sup>75</sup> Idem.

<sup>76</sup> Idem.

<sup>77</sup> Ruy do Amaral nasceu em 28 de maio de 1917, em Jacareí, família de São Bento do Sapucaí. Foi advogado, professor do Colégio Dr. Neves e Ginásio do Estado em Olympia, radialista, escritor de novelas radiofônicas transmitidas pela Rádio São Paulo, animador de programas de auditório de rádio, publicitário, escreveu para a TV Rio, editor, professor universitário no Rio de Janeiro (PUC e UFRJ). Morou em Olympia de 1920 a 1942, onde fundou o movimento integralista, e reside no Rio de Janeiro desde 1952. Concedeu entrevista ao autor em 27 de setembro de 2002, no Rio de Janeiro.

dos artigos antissemitas publicados no jornal “Cidade de Olympia” ao afirmar que nas reuniões do núcleo local da A.I.B., a discussão sobre o tema ocupava um lugar secundário. Não havia, segundo ele, interesse em criar uma militância ativa contra os judeus, já que os camisas-verdes do sertão não estavam convencidos doutrinariamente a respeito do antissemitismo. Isto justificaria-se pela inexistência de um grupo expressivo de judeus na cidade, fator que teria contribuído para o arrefecimento do sentimento antissemita, conclui Amaral.<sup>78</sup>

Porém, o camisa-verde não consegue convencer plenamente de que não havia, no mínimo, a intencionalidade de irromper um movimento antissemita na cidade:

*“Nós não poderíamos falar em movimento de massa em Olympia porque eram muito poucos os integralistas na cidade, no máximo 100, 200, não havia como promover uma ação de massa contra os judeus, no sentido racista, então como eu disse os judeus eram tão poucos em Olympia, alguns comerciantes, que não tinham militância política nenhuma, não se interessavam nem sequer por política. Então a Ação Integralista não tinha nem como fazer movimento racista, porque não havia na cidade uma população judaica numerosa.”<sup>79</sup>*

Alguns integralistas em Olympia adotavam a posição antissemita, mas não eram estimulados e sim contidos, porque não havia necessidade dessa atividade numa cidade que não tinha os problemas que havia na Alemanha nazista, completa Ruy do Amaral.

---

<sup>78</sup> Idem.

<sup>79</sup> Idem.